



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
CURSO DE JORNALISMO**

ELIDIANE BARBOSA GALDINO

DA FLORESTA AO MORRO: AS IDENTIDADES FEMININAS EM *O OLHO DA RUA* DE ELIANE BRUM

CAMPINA GRANDE
2019

ELIDIANE BARBOSA GALDINO

DA FLORESTA AO MORRO: AS IDENTIDADES FEMININAS EM *O OLHO DA RUA* DE ELIANE BRUM

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de Concentração: Jornalismo Impresso

Orientadora: Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra

CAMPINA GRANDE
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G149d Galdino, Elidiane Barbosa.

Da floresta ao morro [manuscrito] : as identidades femininas em o olho da rua de Eliane Brum / Elidiane Barbosa Galdino. - 2019.

35 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2019.

"Orientação : Profa. Dra. Ada Keesa Guedes Bezerra, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."

1. Jornalismo literário. 2. Relato humanizado. 3. Eliane Brum. 4. Identidade feminina. 5. Narrativa jornalística. I. Título

21. ed. CDD 070.4

ELIDIANE BARBOSA GALDINO

**DA FLORESTA AO MORRO: AS IDENTIDADES FEMININAS EM O OLHO
DA RUA DE ELIANE BRUM**

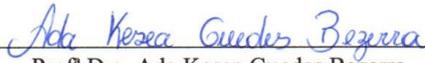
Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado à Coordenação do Curso de
Comunicação Social da Universidade
Estadual da Paraíba – UEPB, como
requisito para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Área de Concentração: Produção
Jornalística

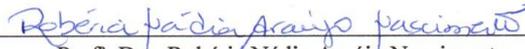
Aprovado em: 17 de 06 de 2019

10,0 (DEZ)

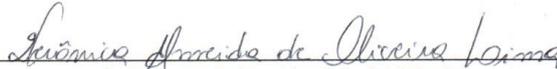
Banca Examinadora



Profª Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Dra. Verônica Almeida de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus indispensáveis pais, **Eliane Barbosa** e **José Galdino Neto** e a minha amada irmã **Letícia Galdino**, por toda dedicação e amor,

Dedico este trabalho!

*“Mulher e floresta são uma coisa só”, diz
Alexandrina. “A mãe terra tem tudo, como
tudo se encontra no corpo da mulher. Força,
coragem, vida e prazer.”*

Eliane Brum

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. JORNALISMO LITERÁRIO E HUMANIZAÇÃO DO RELATO	09
3. A NARRATIVA HUMANIZADA DE ELIANE BRUM	12
4. IDENTIDADE SOCIAL E IDENTIDADE DISCURSIVA	14
5. A LITERATURA DA VIDA REAL	17
6. DA FLORESTA AO MORRO: AS MULHERES DE O OLHO DA RUA	19
6.1 As parteiras	19
6.2 Mães vivas de uma geração morta	22
6.3 A mulher que alimentava	25
6.4 O “eu” na reportagem	29
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

DA FLORESTA AO MORRO: AS IDENTIDADES FEMININAS EM *O OLHO DA RUA* DE ELIANE BRUM

Elidiane Barbosa Galdino¹

RESUMO

Na prática jornalística existem diferentes formas de narrativas e alguns profissionais da área acabam imprimindo ao seu texto uma marca pessoal, uma característica distintiva capaz de conferir personalidade à sua produção. É o que ocorre com Eliane Brum, conhecida por fazer o que se convencionou chamar de jornalismo sensível ou relato humanizado. Também são constantes em suas obras, as histórias de vida de personagens comuns, os heróis da vida real. O objetivo deste artigo é observar as personagens femininas das reportagens do livro *O olho da Rua*, no intento de compreender de que modo suas identidades são construídas por si e pela repórter. Para isso, se fez necessário discutir e compreender os conceitos de jornalismo literário e jornalismo humanizado, e como os dois se cruzam nas narrativas da jornalista. Foi adotado o modelo comunicacional de análise discursiva de Patrick Charaudeau (2009), que observa como a identidade social se forma através da identidade discursiva. Para tanto se considerou dois lugares de fala, àquele que compete à personagem e o de quem conta sua história, no caso, Eliane Brum. Foi possível observar a pluralidade de identidades femininas apresentadas e como suas identidades sociais não dimensionam sua totalidade identitária. E como as reportagens de Brum possui um caráter sociológico ao buscar compreender as vidas e ações de suas personagens. Contribuíram para este trabalho, pesquisas bibliográficas com foco nas produções de Eliane Brum, bem como em perspectivas teóricas de autores como: Bulhões (2007); Pena (2006); Ijuim (2012); Vicchiatti (2005), entre outros.

Palavras-Chave: Jornalismo literário. Relato humanizado. Eliane Brum. Identidades femininas.

FROM THE FOREST TO THE HILL: THE FEMININE IDENTITIES IN *THE EYE OF THE STREET* BY ELIANE BRUM

ABSTRACT

In journalistic practice there are different forms of narratives and some professionals in the field end up imprinting their text with a personal mark, a distinctive characteristic capable of giving personality to their production. This is what happens to Eliane Brum, known for doing what is known as sensitive journalism or humanized reporting. He is also constant in his works, the life stories of common characters, the heroes of real life. The objective of this article is to observe the female characters in the reports of the book *O olho da Rua*, in an attempt to understand how their identities are built by themselves and by the reporter. For this, it was necessary to discuss and understand the concepts of literary journalism and humanized journalism, and how the two intersect in the narratives of the journalist. It was adopted the communicational model of discursive analysis of Patrick Charaudeau (2009), who observes how social identity is formed through the discursive identity. To this end, two places of speech were considered, the one that is the responsibility of the character and that of the one who tells his story, in this case, Eliane Brum. It was possible to observe the plurality of

¹ Aluna de Graduação em Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. Email: galdinoelidiane@gmail.com

feminine identities presented and how their social identities do not dimension their totality of identities. And how Brum's reportage has a sociological character in seeking to understand the lives and actions of his characters. Contributed to this work, bibliographic researches focused on the productions of Eliane Brum, as well as on theoretical perspectives of authors such as: Bulhões (2007); Pena (2006); Ijuim (2012); Vicchiatti (2005), among others.

Key-words: Literary journalism. Humanized reporting. Eliane Brum. Feminine identities.

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo é um meio que transmite conhecimento de forma democrática e acessível para a coletividade, saberes que poderiam permanecer desconhecidos para parte da população. Este ofício, portanto, acaba por exercer também a função de influenciar opiniões, comportamentos, saberes, discursos. Desse modo, o jornalista quando escolhe seus personagens, a perspectiva de sua narrativa, o ângulo de sua foto, é capaz de criar imagens que compõe o imaginário, e as representações de mudo e de sujeitos. Visando uma mídia cada vez mais independente e cidadã, alguns jornalistas buscam superar padrões e estereótipos de raça, étnicos e de gênero.

É por essas opções de narrativas e de olhares que alguns profissionais começam a fazer uso do jornalismo literário, que permite que ao repórter ser mais criativo, livre e original em seus textos. Com maior tempo de pesquisa, o repórter insere em suas histórias mais subjetividade e informações mais detalhadas, podendo também se utilizar do relato humanizado para não reproduzir as crenças, valores e práticas que reforçam uma estrutura de preconceito.

Portanto, este artigo se propõe a discutir a relação híbrida de jornalismo e literatura para a construção da narrativa, como o jornalista transpõe para o seu texto suas experiências e personalidade, além de apreender de que modo o relato humanizado está presente no jornalismo literário e em grandes reportagens. Para cumprir bem a missão de um jornalismo ético e responsável é importante um profissional atento, que dá espaço ao personagem e importa-se com o humano, que pratique o jornalismo que aponta erros, e busca respostas dos anseios da sociedade. Assim, buscando entender a influência desses recursos nos textos de Eliane Brum, se faz a análise de como a repórter retrata identidades femininas de suas personagens, e como elas mesmas se mostram em suas falas.

Sendo Eliane Brum, um nome de referência do jornalismo, principalmente ao que se refere a jornalismo literário e humanizado, tendo em seus textos uma pluralidade de vozes e olhares, buscamos lançar um novo olhar para suas personagens femininas, em como se apresentam, são apresentadas, e assim suas identidades são mostradas.

Para o estudo foi utilizado o livro-reportagem *O Olho da Rua* (2008) de Eliane Brum, que possui dez reportagens escritas entre 2000 e 2010 quando a jornalista trabalhava na revista *Época*. Foram selecionadas cinco reportagens do livro, que por premissa tem mulheres como protagonistas em seus textos. As inferências para a investigação seguiu como método

de abordagem, o modelo comunicacional de análise do discurso proposto por Patrick Charaudeau (2009), baseando-se nos conceitos de identidade social e identidade discursiva.

Buscando refletir sobre a construção das reportagens femininas de Eliane Brum, e a utilização de recursos do jornalismo literário e humanização do relato em suas narrativas, o presente estudo se faz a luz de teorias e pressupostos teóricos de autores como Pena (2006), Vicchiatti (2005) e Lima (2003) com suas contribuições sobre jornalismo literário e de pesquisadores que estudam a conceituação do relato humanizado como Ijuim (2012) e Medina (1986).

Assim, foi possível observar como as identidades femininas foram apresentadas nas reportagens, de acordo com suas identidades sociais pré-estabelecidas pela situação de comunicação, e por seus discursos, considerando ainda a pluralidade de mulheres e seus contextos sociais específicos. É possível perceber a ligação de Brum com suas personagens, assim como em alguns momentos ela coloca suas impressões e experiências no intento de dimensionar um pouco mais daquela realidade para o leitor. Foi possível perceber ainda como em alguns momentos pontuais ela se torna a personagem central, o que nos conduziu a buscarmos considerar no recorte da análise, essa relação de repórter-personagem.

2. JORNALISMO LITERÁRIO E HUMANIZAÇÃO DO RELATO

O jornalismo e a literatura, podem até parecerem áreas opostas e que nada tem de semelhanças, mas é fato que ambos possuem um fio condutor em comum: contar histórias. Enquanto o jornalismo tem o compromisso com a realidade, sendo o jornalista segundo Bulhões (2007, p.21) “o transmissor legítimo da realidade dos acontecimentos”, à literatura não interessa a realidade factual, podendo inclusive ressignificar e criar novas realidades. Embora muito distintos, os dois campos nunca deixaram de se entrecruzar durante a história. No entanto, nem sempre foi ou é assim.

O jornalismo convencional é caracterizado por sua padronização textual, visando a objetividade e precisão da informação. A fórmula do lead estabelece um formato onde as principais repostas dos acontecimentos devem ser respondidas no primeiro parágrafo: “O quê?”, “Quem?”, “Quando?”, “Como?”, “Onde?” e “Por quê?”. Esse modelo americano começou a ser utilizado principalmente na segunda metade do século XX, conduzindo o profissional a produzir notícias cotidianas em grande escala, atendendo a demanda do público moderno, preocupado principalmente com a urgência da informação.

Nessa instância, jornalismo e literatura se mantêm cada vez mais distantes. As reconfigurações das redações atribuindo a um único profissional tarefas antes distribuídas para uma grande equipe, assim como os recursos digitais inseridos nas redações, que requerem uma maior rapidez e objetividade da informação, levam a construção de narrativas superficiais e pouco criativas.

O jornalismo atual é mecânico, calculista, automático, frio. O texto geralmente não é estético, não se preocupa em situar o leitor, ouvinte, telespectador, naquilo que está sendo noticiado. Noticia-se de forma estanque, segmentada. Não se passa a sensação do todo, que envolve aquele fato ou personagem noticiada. (VICCHIATTI, 2005, p.11).

Segundo Lima (2003), o *new journalism* surgiu nos Estados Unidos, na década de 60, como uma alternativa ao jornalismo objetivo e distanciado dos fatos. A reportagem se transforma num texto quase literário, reconstruindo os acontecimentos a partir da vivência do repórter. O novo jornalismo abandona as antigas regras que regiam a profissão, como distanciamento, neutralidade, objetividade, dando agora a liberdade de criação, com um texto que mescla elementos da literatura e do jornalismo.

De acordo com Pena (2006) o jornalismo literário vai muito além do que apenas “fugir das amarras da redação”, é preciso uma série de itens que são chamados de as sete pontas do jornalismo. Primeiro é preciso potencializar os recursos do jornalismo, ou seja, os princípios básicos da profissão, como ética e apuração minuciosas, observação, etc., são características que continuam de extrema importância. A segunda é ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano e não permanecer preso ao *deadline* e a factualidade do assunto. Na terceira ponta é necessário que o jornalista proporcione uma visão ampla do acontecimento, de modo a contextualizar as informações de modo mais abrangente. Exercer a cidadania plenamente é a quarta ponta, o jornalista precisa ter compromisso com a sociedade. A quinta ponta é deixar de lado as regras do lead. O sexto item é evitar os definidores primários, ou seja, as fontes oficiais, que ocupam algum cargo público, advogados, médicos, cientistas. Talvez elas sejam necessárias, mas é preciso ir além e ouvir o cidadão comum, pontos de vistas diferentes. A última ponta é garantir a perenidade, pois como o texto literário não permanece preso a factualidade, ele precisa continuar atual com o passar do tempo.

O jornalismo literário tem como objetivo mostrar além da objetividade das notícias diárias, procurando traduzir a subjetividade do que é veiculado, assim como as relações inerentes ao fato, ao contrário de como é realizado o jornalismo convencional. O jornalista que se propõe a trabalhar nessa seara precisa adquirir embasamento sobre o assunto que pretende falar, para assim ser transmitido ao seu leitor. O texto ganha consistência, apuração

minuciosa, preocupação estética e demonstra preocupação com as questões sociais. Segundo Vicchiatti (2005) o profissional da comunicação necessita ser consciente do seu papel social, e estar comprometido a trabalhar com a verdade, justiça e cidadania. Para assim informar e formar opinião de modo que possa estimular o senso crítico do seu leitor.

É comum que jornalista literário afira uma humanização em seu relato, conferindo uma dimensão humana real a seus personagens, seja nas suas qualidades, fraquezas ou limitações. Partindo das ideias de Ijuim (2016), vale ressaltar que o jornalismo humanizado é aquele que perpassa pela visão de mundo, se faz aberto a diversificação de saberes, depreende uma visão sensível e estética dialogando com as artes, mantém o compromisso com a sociedade, e ratifica que “o ser humano seja o ponto de partida e o ponto de chegada.” Desse modo, entende-se por jornalismo humanizado aquele que tenha como centro vidas reais, e a diversidade de vozes e olhares.

Mas se entendemos que o jornalismo convencional já produz matérias centradas em personagens, utiliza-se de fontes para narrar os fatos, esse também poderia ser considerado humanizado. Portanto, é preciso ressaltar que a humanização está além de colocar personagens como centro de uma matéria, o jornalista precisa despir-se dos seus preconceitos e estigmas.

Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência – dos seus entrevistados e da sua própria consciência. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir. (IJUIM, 2016, p.9).

Por isso jornalismo literário e humanização do relato costumam caminhar juntos, no seu texto o repórter busca narrar cenas e apresentar trechos dos diálogos, tais como aconteceram, para que os leitores possam se sentir presentes e pertencentes ao acontecimento. Assim, para conferir veracidade ao seu relato, o jornalista precisa se debruçar sobre o entrevistado, ouvi-lo, buscando compreendê-lo. Segundo Medina (1986, p.8) o diálogo auxilia na interpretação por parte do leitor, de acordo com a pluralidade de vozes.

Um nome de referência no jornalismo literário e humanizado no Brasil é o da gaúcha Eliane Brum, uma das jornalistas brasileiras mais premiadas. Preocupada com as questões humanas, engajada socialmente, é uma escritora de grandes reportagens, com preocupação estética e social. Suas matérias são marcadas pela presença de descrições, diálogos, detalhes

que enriquecem seus textos. “Na apuração de minhas matérias, busco dar ao leitor o máximo dessa riqueza do real, para que ele possa estar onde eu estive e fazer suas próprias escolhas.” (BRUM, 2008, p.14). Sobre os diálogos sempre presentes em suas reportagens, Brum (2008, p.38) afirma que “como repórter e como gente eu sempre achei que mais importante do que saber perguntar era saber ouvir a resposta... Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos”. Para ela são características do jornalismo humanizado.

3. A NARRATIVA HUMANIZADA DE ELIANE BRUM

Eliane Brum sempre se mostrou atenta aos detalhes para além dos fatos óbvios de uma notícia. O primeiro de muitos prêmios de sua carreira foi graças a uma reportagem sobre todas as filas que um cidadão enfrenta desde o nascimento até a morte, “Esperando na fila da existência”, o prêmio dessa produção foi um estágio no Zero Hora. Logo na sua estreia, foi escalada para a inauguração do primeiro McDonald’s de Porto Alegre na Praça da Alfândega e ao voltar para a redação ela não tinha nenhuma matéria factual e burocrática, mas sim uma matéria sobre o estranhamento entre o moderno fast-food e os aposentados que frequentavam a praça, com quem puxou conversa. São exemplos como esse que demonstram em como a jornalista sempre fugiu do lugar comum na produção de suas pautas.

Durante os onze anos que trabalhou como repórter no jornal Zero Hora, a jornalista realizou alguns feitos, em 1993 refez a marcha da Coluna Prestes, em uma empreitada que foi desestimulada por todos. Foram 44 dias percorrendo os mesmo 25 mil quilômetros feitos pela tropa rebelde ouvindo os depoimentos de vidas arrasadas, miséria, violências, desesperança, dos que testemunharam a passagem da Coluna Prestes. A série de reportagens só foi publicada um ano depois, e rendeu muitas críticas, mas também uma menção honrosa do Prêmio Vladimir Herzog e a publicação do livro “Coluna Prestes – O avesso da Lenda” em 1994, que a fez receber o prêmio Açorianos de autora-revelação.

Ainda no Zero Hora, Brum recebeu o convite de Marcelo Rech em 1998 para escrever crônicas sobre pessoas reais e situações corriqueiras, que rendeu 46 colunas durante 11 meses todos os sábados. Foi escrevendo sobre situações e personagens que provavelmente não virariam notícias, como um carregador de malas do aeroporto que nunca havia voado, ou um homem que não tem dinheiro para enterrar o filho morto e sua esposa, mostrando vidas comuns de um jeito humano e poético, que a jornalista ganhou o prêmio Esso regional de

1999. Já em 2006 uma seleção dessas crônicas foi publicada como o livro “A vida que ninguém vê”, ganhador do prêmio Jabuti 2007 de melhor livro reportagem.

Eliane Brum só saiu do Jornal Zero Hora em 2000, quando foi convidada por Augusto Nunes para ser repórter especial na Revista Época, onde ficou até 2010, escrevendo grandes reportagens. Desses anos percorrendo o Brasil escutando e escrevendo histórias da vida real, surgiu o livro “O olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real”, lançado em 2008 com dez reportagens e seus bastidores, onde expõem as dificuldades, medos, sua relação com as personagens e inclusive erros cometidos na realização das reportagens. Ainda em 2008 recebeu o Troféu Especial de Imprensa ONU, “por tudo o que já fez e vem realizando em defesa da Justiça e da Democracia”. Seus textos sempre mostram originalidade, mesclando elementos de jornalismo e literatura. Como ela diz ao fim do seu livro “A vida que ninguém vê”: “Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico.”. (Brum, 2006, p.187)

Além dos cinco livros de não ficção, a repórter publicou em 2011 seu primeiro romance “Uma Duas”, além de ter participado de coletâneas de contos, crônicas e ensaios. Como documentarista, dirigiu quatro filmes: “Uma história Severina”, “Gretchen Filme Estrada”, “Laerte-se” e “Eu+1 – uma jornada de saúde mental na Amazônia”, onde demonstra mais uma vez seu olhar sensível para as minorias e causas sociais.

Quando questionada se o que faz é jornalismo humanizado, a jornalista rejeita os rótulos, e na apresentação do seu livro “A menina quebrada” de 2013, afirma:

Eu escrevo sobre gente, mas quem não escreve sobre gente? Volta e meia alguém diz que faço ‘matérias humanas’. Mas seria possível alguém fazer ‘matérias inumanas’? A certa altura, achei que tinha encontrado uma maneira de me dizer, respondendo que atuava na área dos direitos humanos. Mas também não acho que seja exatamente isso. (BRUM, 2013, p. 7)

Jorge Ijuim, professor de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina, estudioso do jornalismo humanizado destaca o trabalho de Eliane Brum como sendo uma referência para suas pesquisas nesse assunto, e ressalta os elementos que a torna uma jornalista comprometida com suas personagens.

Quem acompanha o trabalho de Eliane Brum percebe sua postura sempre respeitosa diante das fontes e do público. Esta lhe tem assegurado tratar de qualquer tema sem julgamentos, sem preconceitos, sem correr qualquer risco de estereotipar ou cair em generalizações apressadas. Em seu percurso no jornalismo transparece suas marcas de visão de mundo – abertura de mente e de espírito para compreender a complexidade da vida. (IJUIM, 2012, p. 133).

Eliane Brum demonstra essa empatia por seus personagens em cada reportagem, ao ouvi-los sem interromper, sem esperar que eles respondam o que ela quer, deixa claro que nenhuma reportagem é mais importante que uma pessoa. “Nós sempre temos de dar para cada um que nos honra com a história de sua vida a explicação clara, honesta de que isso vai ser contado para milhões de pessoas, vai se transformar em documento.” (BRUM, 2008, p.129). E mais que prestar atenção ao que tem a dizer, Brum ressalta que é necessário se deixar mudar pela experiência de cada reportagem.

É ciente da complexidade de personagens com que Eliane Brum trabalha em suas reportagens, e que seus relatos vão ser contados e transformados em documento, que este estudo busca compreender as identidades femininas demonstradas no livro *O olho da rua*, sob a luz dos conceitos de identidade social e discursiva, na competência comunicacional.

Não é finalidade aqui propor uma identificação completa, sobretudo, porque como afirma Charaudeau (2009), é impossível a captação total de uma identidade, o que pode ser apreendido é o que denomina de “traços identitários” que se formam, se constroem durante a troca de olhares, durante o contato discursivo. Antes, no entanto, se faz necessário discorrer, de forma breve, sobre a noção de identidade.

4. IDENTIDADE SOCIAL E IDENTIDADE DISCURSIVA

A princípio, é preciso compreender o conceito de identidade como aquilo que possibilita o sujeito a tomar consciência de sua existência. Esse processo se dá através da tomada de consciência do seu corpo, do seu saber, dos seus julgamentos e de suas ações. Porém, para o despertar dessa consciência é necessário perceber a diferença em relação ao outro. Segundo Charaudeau (2009) é essa percepção do outro que move a descoberta, e a busca de compreender o que é diferente. A consciência de si existe proporcional com a tomada de consciência do outro. A percepção da diferença, não deixa de se tornar uma ameaça, que se transforma em julgamento negativo. Pois, é de difícil aceitação, a possibilidade de que existam outras normas e crenças diferentes das suas. Esse julgamento pode se transformar em estereótipo, preconceito, como uma forma de proteção a diferença do outro, que é vista como ameaça a sua própria identidade.

Percebendo os mecanismos complexos que são necessários para a tomada de consciência da identidade, e entendendo que ela não é fechada em si, e não são identidades globais, mas sim estão em processo de construção, procuramos entender quais são os traços

formadores de identidade. Desse modo, Charaudeau (2009) entende a identidade formada por dois componentes, a identidade social e a identidade discursiva.

A identidade do sujeito comunicante é compósita. Ela inclui dados biológicos (“somos o que nosso corpo é”), dados psicossociais atribuídos ao sujeito (“somos o que dizem que somos”), dados construídos por nosso próprio comportamento (“somos o que pretendemos ser”). Entretanto, como, do ponto de vista da significação, os dados biológicos adquirem as significações que os grupos sociais lhes atribuem, pode-se reduzir estes componentes a dois: o que chamaremos, por comodidade, de identidade social e o que chamaremos de identidade discursiva. (CHARAUDEAU, 2009, p. 5).

Desse modo, as identidades são construídas com seus atos de discurso, combinadas com sua identidade social. A identidade social precisará ser reiterada, reforçada, recriada ou até mesmo ocultada pelo comportamento da linguagem do sujeito falante. Enquanto a discursiva para se construir, precisa estar amparada pela identidade social. Essa configuração constrói o poder de influência do sujeito falante.

A identidade social é a que confere ao sujeito seu “direito a palavra”, que funda a sua legitimidade, possuindo a necessidade de ser reconhecido pelos outros. Ela é reconstruída institucionalmente, é em parte determinada pela situação de comunicação. “A identidade social (a rigor, psicossocial, pois está impregnada de traços psicológicos) é, pois, algo “atribuído-reconhecido”, um “pré-construído”: em nome de um saber reconhecido.” (CHARAUDEAU, 2009, p.7). Podendo ser reconstruída, mascarada ou deslocada.

A identidade discursiva é constituída pelo sujeito falante, dependendo de sua credibilidade e captação. A credibilidade está ligada a necessidade que se acredite nele, defendendo uma imagem de si mesmo, adotando para isso algumas atitudes discursivas como: neutralidade, distanciamento e engajamento. Na neutralidade, o sujeito busca deixar de lado qualquer traço de julgamento, relatando o que viu ou experimentou, assim “o discurso testemunhal é um discurso da verdade “em estado bruto” que não pode, por definição, ser questionada. Na comunicação midiática, a condição de credibilidade se traduz por um discurso de autenticação dos fatos, com o reforço dos depoimentos das testemunhas.” A atitude de distanciamento o sujeito se mantém frio e distante, com uma postura de especialista, seja para comentar os resultados de um estudo ou para demonstrar uma tese. Já na de engajamento, ao contrário da de neutralidade, o sujeito opta por uma tomada de posição argumentativa, construindo a imagem de um ser de convicção, influenciando o interlocutor.

Já quando o eu-falante não está numa relação de autoridade para com o interlocutor, é preciso usar as estratégias de captação, para assegurar a troca comunicativa. Para tentar persuadir ou seduzir o outro, portanto o sujeito pode adotar as seguintes atitudes discursivas: atitude polêmica, o sujeito busca se antecipar, para eliminar as objeções que os outros possam apresentar, questionando seus valores, suas ideais e até sua pessoa; atitude de sedução, “propondo ao interlocutor um imaginário no qual desempenharia o papel de herói beneficiário”, assim as personagens podem servir de modo de identificação ou rejeição pelo interlocutor; atitude de dramatização, onde o sujeito fará uso de suas emoções e valores afetivos, descrevendo sua vida, dramas, com relatos emocionados, com metáforas e analogias.

Assim, a identidade discursiva se constrói com base nos modos de tomada da palavra, na organização enunciativa do discurso e na manipulação dos imaginários socio-discursivos. Ao contrário da identidade social, a identidade discursiva é sempre algo “a construir- em construção”. Resulta de escolhas do sujeito, mas leva em conta, evidentemente, os fatores constituintes da identidade social. (CHARAUDEAU, 2009, p. 9).

Estabelecido isso, é necessário ressaltar que esse jogo entre a identidade social e a identidade discursiva, e a influencia a partir daí, só podem ser consideradas dentro de uma situação de comunicação. Será essa situação de comunicação, que determinará antecipadamente, de acordo com o contrato que a define, as identidades sociais dos parceiros. Segundo Charaudeau (2009) é esta situação comunicacional, que definirá alguns traços da identidade discursiva, dando somente a possibilidade do sujeito falante de escolher mostrar-se de acordo com a identidade social, respeitando-a, ou de modo a mascara-la, subvertê-la ou transgredi-la.

Portanto essa reflexão sobre a identidade social e a identidade discursiva, serve de base para o modelo de análise comunicacional proposto por Charaudeau (2009), utilizando três tipos de competências e três tipos de estratégias.

A competência comunicacional (ou situacional) é colocada pelo autor como a aptidão do sujeito em reconhecer a estrutura e restrições da situação de comunicação. Será essa situação que determinará as características de identidade social dos parceiros falantes, a relação estabelecida entre eles, e esses traços de identidade comunicacional que irão legitimar e estabelecer a relação de força entre eles. A competência semântica é a que possibilita uma enunciação organizada, narrativa argumentativa do discurso. É na competência semiolinguística, que a identidade discursiva se corporifica, onde o sujeito demonstra a capacidade em combinar formar de acordo com as restrições da língua, do quadro situacional e dos dados da organização discursiva.

As estratégias discursivas são definidas de acordo com o contrato de comunicação. É onde o sujeito pode avaliar como poderá jogar de acordo com o contrato, as restrições situacionais que possui e as instruções de organização discursiva e formal. A partir daí, de acordo com as metas de influência que pretender exercer, poderá escolher a organização do discurso, os modos de construção textual, relacionados a suas crenças e conhecimento. Essas estratégias podem ser agrupadas em três: a estratégia de legitimação, onde precisa comprovar seu “direito à palavra”, mostrando que sua fala e sua maneira de falar correspondem à posição de autoridade que seu status lhe confere; a estratégia de credibilidade que leva o sujeito a precisar atestar que o que diz é confiável; enquanto a estratégia de captação leva o sujeito falante a fazer com que o interlocutor adira e reconheça o que ele diz.

Estes três tipos de estratégias constroem uma identidade discursiva própria ao sujeito, ao passo que o contrato de comunicação constrói, por suas instruções, uma identidade discursiva convencional, a que se coloca em conformidade com o contrato. Assim, no nível das estratégias, o sujeito comunicante pode escolher falar em conformidade ou não com as instruções dadas pelas restrições do contrato de comunicação, e fazer valer sua especificidade identitária. (CHARAUDEAU, 2009, p. 13).

Portanto, as representações sociais são estruturadas a partir dos imaginários sócio-discursivos, e são assim chamadas por circularem nos grupos sociais, resultantes de distintos saberes, crenças, experiências e erudições. Charaudeau (2009) afirma que “dentre essas representações, e sem que se possa distinguir com clareza suas diferentes dimensões, algumas são de ordem cultural, outras de ordem societal, outras ainda de ordem comunitária e outras de ordem grupal”. Assim, não podemos afirmar a captação total de uma identidade, pois, além de estar em processo de construção é formada por “traços identitários”, resultante de um “entrecruzamento de olhares”, entre sujeito falante e sujeito interpretante neste jogo social de trocas de máscaras.

5. A LITERATURA DA VIDA REAL

Na obra escolhida para este estudo, “O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real”, a jornalista mostra que para fazer reportagem é preciso se arriscar e ir pra rua, e ela vai a diversos lugares no Brasil para contar histórias de realidades, que mais parecem ficção. Ao fim de cada reportagem, ainda traz um pouco sobre os bastidores de cada matéria, os dilemas internos enfrentados pela reponsabilidade de narrar sobre vidas, os erros, acertos, descobertas, e questionamentos sobre o fazer jornalístico. Eliane Brum mostra que

como repórter “atravessa a rua de si mesmo para olhar a realidade do outro lado de sua visão de mundo.”.

A jornalista escritora percorre o Brasil, da Amazônia à periferia de São Paulo, buscando “o que torna a vida possível apesar de tudo, a delicadeza na brutalidade do cotidiano, a vida na morte.”. Com personagens tão reais que parecem inventados, desvenda os muitos Brasis ainda escondidos pelo véu da invisibilidade, preconceito, e estereotipo. Vive a realidade de seus personagens, e mostra as diversas faces da realidade.

O livro começa com a reportagem *A floresta das parteiras*, onde a repórter narra o que viu e ouviu das mulheres que apararam a maioria dos filhos nascidos ali. Depois viaja a Roraima, narrando um dia comum no estado, para que o leitor entenda a complexidade do lugar. Fica internada em um asilo em São Paulo, vivendo com os idosos, narrando suas dores, solidão, amores e esperança. Escreve sobre a vida em Brasilândia, periferia de São Paulo, e sobre as mães de filhos que morrem antes dos 20 anos, assassinados. O livro finaliza com testemunho sobre vida e morte, ao acompanhar os últimos 115 dias de uma merendeira de escola em São Paulo, com um câncer incurável. Um livro repleto de histórias reais, que busca a literatura da vida real, compreendendo a complexidade humana.

É possível observar o quanto as mulheres estão presentes nas reportagens de Eliane Brum, desde as mulheres idosas, as indígenas, negras e periféricas, do norte do país ao sul, possibilitando uma diversidade de identidades narradas. O Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia elaborado pela ONU, em 2011 já discutia sobre como o jornalismo pode vir perpetuando preconceitos e estereótipos, e os caminhos para mudar essa prática.

O racismo, o sexismo e o etnocentrismo causam uma visão estereotipada das mulheres, impedem a visibilização positiva e diversificada da sua imagem e limitam o debate coletivo sobre suas experiências, incluindo as variáveis de idade, orientação sexual, classe social e ocupação urbana e rural. O imaginário social reúne ideias, representações e percepções dos papéis sociais expressas negativa ou positivamente sobre as mulheres em geral, com destaque para as mulheres negras e indígenas. O racismo, o sexismo e o etnocentrismo são agentes estruturais na fabricação desses estereótipos reproduzidos nos textos, nas imagens e nas sonoras veiculados pela mídia impressa, radiofônica, televisiva e digital. (BASTHI, 2011, p. 39).

Considerando que a própria Eliane Brum tem consciência de seu papel e de sua responsabilidade social enquanto jornalista, quando afirma: “eu acredito na reportagem como documento da história contemporânea, como vida contada, como testemunho. Exerço o jornalismo sentindo em cada vertebra o peso da responsabilidade de registrar a história do presente, a história acontecendo.” (BRUM, 2008, p.14), e que a própria repórter se coloca como personagem de uma reportagem quando participa de um retiro vipassana, onde fica dez

dias sem falar e 120 horas sem se mexer, e conta a partir de sua perspectiva essa experiência, concebendo ainda o jornalismo uma ferramenta importante para discussão e desconstrução de crenças e preconceitos, esse estudo busca compreender, ou pelo menos elencar aspectos e dimensões das identidades de mulheres que são sujeitos sociais e personagens destas narrativas.

6. DA FLORESTA AO MORRO: AS MULHERES DE *O OLHO DA RUA*

Das dez reportagens apresentadas no livro, podem ser encontradas personagens femininas em sete delas, inclusive a própria repórter se torna personagem em “O inimigo sou eu”. É possível encontrar cerca de 50 mulheres apresentadas ao longo da obra, mas vale salientar que nem todas são protagonistas das narrativas. Diante da riqueza e complexidade dessas personagens, e da impossibilidade de contemplar as histórias de todas as 50 mulheres, muitas tiveram que ficar de fora, e para esse estudo, foram selecionadas cinco personagens. Portanto, foram escolhidas as reportagens que tem por premissa, só personagens femininas, e a que elas são figuras centrais. Assim, foram escolhidas as reportagens: “A floresta das parteiras”, “Mães vivas de uma geração morta”, “O inimigo sou eu” e “A mulher que alimentava”.

6.1 As parteiras

Na reportagem “A floresta das parteiras” que abre o livro *O olho da Rua*, Eliane Brum adentra a Amazônia, para tentar dimensionar a força feminina no Amapá, extremo norte do Brasil, onde o dom de “pegar menino” passa de geração em geração, e resiste. Assim Eliane Brum começa sua reportagem:

Elas nasceram do ventre úmido da Amazônia, do norte extremo do Brasil, do estado ainda desgarrado do noticiário chamado Amapá. O país não as escuta porque perdeu o ouvido para os sons do conhecimento antigo, a toada de suas cantigas. Muitas desconhecem as letras do alfabeto, mas leem a mata, a água e o céu. Emergiram dos confins de outras mulheres com o dom de pegar menino. Sabedoria que não se aprende, não se ensina, nem mesmo se explica. Acontece apenas. Esculpidas por sangue de mulher e água de criança, suas mãos aparam um pedaço do Brasil. (BRUM, 2008, p. 19).

Maria dos Santos Maciel, a Dorica, índia de 96 anos, é a mais velha parteira do Amapá. Mais de dois mil índios nasceram por suas mãos, enquanto não conseguiu ter nenhum filho seu, sofreu 16 abortos. Dorica conta que a parteira não tem escolha, e se pudesse

escolher nem teria o dom de pegar menino, e gostaria de se aposentar dessa vida. Quando a hora chega, acompanha cada mãe por oito dias, ajudando-a com a lida da casa, e do pós-parto, e por isso não recebe pagamento algum. A repórter então apresenta a primeira personagem da reportagem das parteiras:

“Pegar menino é ter paciência”, recita a caripuna Maria dos Santos Maciel, a Dorica, a mais velha parteira do Amapá. Aos 96 anos, mais de 2 mil índios desembarcaram no mundo pelas suas mãos pequenas, quase de criança. Dorica – avó, mãe, madrinha de centenas de filhos de pegação – nem mesmo gostaria de possuir o dom. “O dom é assim, nasce com a gente. E não se pode dizer não”, explica. “Parteira não tem escolha, é chamada nas horas mortas da noite para povoar o mundo.” (BRUM, 2008, p. 20).

A partir das falas de Dorica, podemos observar uma resignação pelo ofício de parteira, ainda mais quando se lembra do fato de nunca ter conseguido ter um filho seu.

A parteira lembra dos dezesseis abortos de seu ventre, impedida de ter um filho seu por desígnios que não lhe cabem indagar. “Tô cansada”, diz. “Queria pedir a Deus o meu aposentamento de parteira.” (BRUM, 2008, p. 21).

A jornalista acompanha o dia a dia da mulher que já com 96 anos continua dedicada ao dom de pegar menino, sem a pressa dos médicos da cidade.

Assim, Dorica crava os pés nuns no chão sempre que alcança o destino e acocora-se acocora-se entre as pernas da mulher. Alexandrina abraça o corpo da gestante com as pernas, por trás. Das entranhas do corpo feminino Dorica nada arranca, apenas espera. Puxa a barriga da mãe endireitando a criança. Lambuza o ventre com óleo de anta, arraia ou mucura para apressar as dores, recita rezas e encantamentos para consumir o mistério. Perfura a bolsa com a unha e corta o cordão umbilical com a flecha. “Pegar menino é esperar o tempo de nascer”, ensina. “Os médicos da cidade não sabem e, porque não sabem, cortam a mulher.” Por oito dias Dorica abandona a roça de mandioca. É missão da parteira lavar, cozinhar, puxar o útero toda manhã e toda tarde para que a mulher fique sã. É obrigação pentear o seio com pente fino e água de uma cuia branca para que o leite jorre entre os lábios do menino. É sabedoria aspirar o nariz do bebê com a boca até ouvir o choro. Ao final desse tempo, Dorica entrega a mulher ao marido: “O que eu podia fazer pela sua mulher eu já fiz. Agora você tem de cuidar da família”. O marido agradece. “Se eu puder lhe dar alguma coisa, lhe dô”, afirma. E Dorica responde: “Deus dá o pago”. E o diálogo se encerra. É tudo. E é assim há bem mais de quinhentos anos. (BRUM, 2008, p. 21).

Como já pontuado por Charaudeau (2009), a identidade social precisa ser atribuída, reconhecida e legitimada por outro sujeito, e será determinada em parte pela situação de comunicação. Portanto, a identidade social deve responder algumas questões: “Ela deve responder à questão que o sujeito falante tem em mente quando toma a palavra: “Estou aqui para dizer o quê, considerando o status e o papel que me é conferido por esta situação?” (CHARAUDEAU, 2009, p.7). Assim, no contrato comunicacional entre Eliane Brum e a

Maria dos Santos Maciel, a Dorica, sua identidade social pré-estabelecida é o de índia e parteira, que está ali para falar de sua experiência.

Já a atitude discursiva é construída pelo sujeito falante, de acordo como o sujeito irá falar, dependendo assim, de duas estratégias, a de “credibilidade” e “captação”. Sendo assim, pode-se observar como Dorica assume a atitude discursiva de engajamento, pois traz em seu discurso traços além do apenas testemunhal do que viu e viveu, mas toma uma posição de convicção que defende seu ofício, embora não tenha escolhido tal ocupação para si. Adota argumentos, ou adota uma modalização avaliativa sobre as diferenças entre as parteiras e os partos realizados na cidade, a fim de convencer e influenciar o interlocutor.

É nesse “jogo” entre identidade social e identidade discursiva que acontece a influência discursiva. Segundo Charaudeau (2009) é de acordo com as intenções do sujeito comunicante ou do sujeito interpretante, as duas identidade se aderem e formam uma única, ou seja, “essencializada”. Podendo assim ser:

“eu sou o que eu digo”/ “ele é o que ele diz”), ou se diferencia formando uma identidade dupla de “ser” e de “dizer” (“eu não sou o que eu digo”/“ele não é o que ele diz”). No último caso, ou se pensa que é o “dizer” que mascara o “ser” (mentira, ironia, provocação), ou se pensa que o “dizer” revela um “ser” que ignora a si mesmo (denegação, revelação involuntária: “sua voz o traiu”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 9).

Portanto, no caso da personagem Dorica, é possível observar dois movimentos, o de revelação involuntária, que nega sua identidade social quando afirma que sequer gostaria de ser parteira. Mas na maior parte de seu discurso acontece a reativação da identidade, ou seja, a identidade social pré-estabelecida corresponde ao seu discurso.

A voz de Dorica, a mais velha parteira da floresta, ecoa em cada mulher quando sentença: “É o tempo que faz o homem, e não o homem que faz o tempo. Parto é mistério. E menino, a gente nunca arranca. Só recebe”. (BRUM, 2008, p. 34).

Ao fim da reportagem, a jornalista ressalta a importância da linguagem das parteiras e como transmitir isso fielmente em seu texto, pois mais do que elas falam, e sim como falam, diz muito sobre elas.

A riqueza da linguagem das parteiras e a forma como cada uma se expressa é o coração desta reportagem. As palavras também nasciam dessas mulheres extraordinárias de parto natural. E emergiam como literatura da vida real. Elas falavam tão bonito, com uma variedade e uma fundura tão impressionantes, que meu trabalho era mínimo. Bastava escutar e anotar cada suspiro para não perder nada. Nem que eu quisesse, nem que eu estivesse fazendo ficção e pudesse inventar, eu chegaria perto da beleza com que elas se expressavam. Especialmente nesta reportagem, meu trabalho de repórter foi apenas escutar, prestar atenção em cada

gesto, ênfase, trejeito e passar isso tudo para o papel. Foi quase uma psicografia de gente viva. (BRUM, 2008, p. 38).

Portanto, é possível observar com esse exemplo como a questão identitária é complexa, justamente por resultar do entrecruzamento de olhares do sujeito comunicante e do sujeito interpretante, mas é necessário evitar a essencialização do sujeito constituído de uma identidade única e fixa.

6.2 Mães vivas de uma geração morta

Na reportagem “Expectativa de vida: vinte anos”, a jornalista mostra o retrato de uma geração que morre antes dos vinte. Mortes com idade, cor e classe social, que acontecem em periferias por todo o Brasil, e pra contar essa história, ela divide seu texto em duas partes, “O sobrevivente”, na qual narra à história de Sérgio Cláudio de Oliveira Teixeira, o Serginho Fortalece, apresentado como o único sobrevivente do documentário “Falcão – Meninos do tráfico”. Na segunda parte, mostra essa realidade sob um novo olhar, ela resolve escutar as mães desses jovens assassinados em “Mães vivas de uma geração morta”.

É este segundo momento que se inicia com trechos dos relatos de diversas mães, o primeiro deles é o de Selvina que diz: “Quando morreu o terceiro, achei que eu fosse morrer também e comprei uma mortalha de tergal branco. Quem morreu foi minha filha. Vesti nela a mortalha que era pra mim.” Selvina Francisca da Silva, perdeu quatro filhos, o quinto sumiu.

Mais adiante, conhecemos com mais detalhes a história desta mulher de 74 anos que saiu do Piauí para morar em Brasília antes de sua inauguração, trabalhando como empregada doméstica. Saiu de invasões e começou a morar em Ceilândia, onde quatro filhos foram assassinados e um está desaparecido. É benzedeira e em troca recebe comida. Eliane Brum começa o relato da saga de Selvina que possui o subtítulo de “A mãe mutilada”, da seguinte maneira.

Nenhum idioma tem nome para quem sobrevive a um filho. Para tal dor não há lugar sequer na língua. Aos 74 anos, Selvina respira no cômodo sem janelas onde dormem sete. Dá tosse, ânsia de vômito. Seria um ar impossível não fossem os pulmões de Selvina adaptados ao impossível. Ao longo da vida a que tanto se agarra, ela foi perdendo primeiro as unhas, depois os dedos das mãos e dos pés. Queimaduras, acidentes, doenças. Só restam tocos a Selvina. É com eles que ela resiste. Selvina olha para os membros mutilados e diz: “Eu não queria que a vida tivesse me aleijado. Estou acabada. Foi-se tudo”. (BRUM, 2008, p.205).

Eliane Brum segue descrevendo como a perda dos filhos também a mutilaram:

Não há hipérboles na gramática das mães vivas. As palavras são exatas. As frases, sem gordura. Selvina pariu doze filhos. Perdeu quatro de tiro. Sobre o quinto não

tem certeza, porque sumiu. Outros cinco morreram de doença. Restaram dois. Nesta matemática de perdas, ela não sente saudade dos filhos que partiram por sarampo ou “quebranto”. A dor que a devasta é deixada pelos que se foram de “morte matada”. Essa segundo Selvina, é a morte sem esquecimento. (BRUM, 2008, p. 206).

Nos momentos iniciais da reportagem é assim que a própria Selvina se apresenta:

Entrei no Distrito Federal em 25 de julho de 1959, quando Juscelino Kubitschek era presidente. Vim do Piauí, onde andei de garimpo em garimpo. Vendi um diamante em Copacabana, no Rio de Janeiro, e entrei no Distrito Federal pra progredir na vida. Meu nome é Selvina Francisca da Silva. (BRUM, 2008, p. 206).

Na última parte da reportagem, com trechos dos testemunhos das mães, Selvina conta:

Tenho muita lágrima. Choro de dia, choro de noite quando alembro que não tenho mais meta. Quatro filhos matados, um sumido. Quando morreu o terceiro, eu achei que fosse morrer também. Encomendei uma mortalha de tergal branco, muito bem costurada. Quem morreu, numa rixa de traficantes, foi minha filha. Botei nela a minha mortalha. (BRUM, 2008, p. 229).

Outra mulher que aparece na matéria “Mães vivas de uma geração morta” é Eva Sebastiana Araújo de 55 anos, de Brasilândia, zona norte de São Paulo, quando ainda estava grávida apanhava, levava chutes e facadas do marido. Quando crescidos eram seus filhos que a protegia das agressões. Perdeu os três filhos assassinados, ela sobreviveu. Eliane inicia sua história que recebe o subtítulo “Uma faca no útero” assim:

Eva acordou com as facadas que o marido desferia contra o corpo dela. Enfiou a faca na vagina, queria alcançar o útero “Você é uma cobra, que bota os filhos no mundo para matá-los”, berrava. Eva mostra o corpo em que o mapa de sua vida tem dolorosa geografia. Marcas de cigarro, cicatrizes de facadas, socos. Mais dois meninos foram assassinados, e o pai acreditou com mais força no pecado original de Eva. “Agora que o último morreu, quero ver quem vai te defender”, disse ele. Grávida do primogênito, ele lhe dava chutes na barriga, bateu com cabo de aço, cortou-lhe a perna. Pisava em cima do pé, a carne abria. Aos treze anos, o garoto andava com dois revólveres na cintura. “Pai, amo muito o senhor, mas se tocar na mãe de novo eu te mato.” E o pai não tocou. (BRUM, 2008, p. 207).

Mesmo com todas as agressões e a morte dos filhos, Eva tenta encontrar algum sentido nisso tudo.

Às vezes penso que foi por isso que morreram. Para não matar o pai e ficar sem salvação com Deus. Mas ele era um bom pai. Não batia neles. Só em mim. Minha cabeça bate. Parece que tem um tambor. Ouço esse barulho dia e noite. Eu todo dia olho pro céu e não acredito que estou aqui e não no hospício. Não acredito, não acredito, não acredito. (BRUM, 2008, p.207).

No seu sofrimento Eva afirma que esqueceu tudo, “Depois que perdi esses meninos meus, minha cabeça está tão ruim que não lembro de mais nada, nada, nada. Pedi muito a Deus que me tirasse a memória.” (BRUM, 2008, p.208). Tal pedido ainda não fora atendido, Eva não perdeu a memória, mas perdeu os dentes, diz que não chora mais, e em seguida

começa a chorar. Neste trecho Eliane mostra como a estratégia de discurso constrói diversas máscaras de identidade psicológica.

Aos 55 anos, o que Eva perde não é a memória, mas os dentes. Desde que o terceiro filho morreu, eles amolecem e caem. “Pronto. Perdi tudo. Morreu tudo. Tudo, tudo, tudo.” Ao iniciar sua narrativa de morte, Eva avisa: “Fiquei fria, não choro mais, não sinto mais nada. Nada, nada, nada”. Então começa a chorar e não para mais até o ponto final. A história de sua vida sai encharcada. Zeus, na mitologia grega, compadeceu-se do pranto de Níobe, cujos sete filhos e sete filhas foram mortos. Na lenda ele transformou aquela mãe numa rocha que verte água. Foi a forma encontrada pelos antigos para representar a dor sem nome. Mães que perdem filhos assassinados são pedras que choram. (BRUM, 2008, p. 208).

Nessas duas reportagens, podemos perceber como a identidade social, ou seja, os traços psicológicos, atribuídos e pré-construído, de cada mulher é a de mãe, tanto pela filiação biológica, quanto pelo que a lei determina. Mas são pelos seus atos de linguagem que cada mãe constrói suas diferentes identidades de mãe: cuidadora, presente, que sofre, autoritária, etc. Como afirma Charaudeau (2009, p.3) “Estas identidades são construídas através de atos de discurso. Em seu conjunto, sua identidade de “ser” resultará da combinação de atributos de sua identidade social com tal ou qual traço construídos por seus atos de linguagem.”

É possível observar que nesse contexto ambas adotam a atitude discursiva testemunhal, de acordo com Charaudeau (2009), assume a atitude de testemunha para constatar e falar o que viu, ouviu, viveu. Sendo assim um discurso em “estado bruto”, um discurso que não pode ser contestado.

Como modo de captar o leitor, de acordo com Charaudeau (2009) o interlocutor deverá “tentar persuadir (fazer pensar recorrendo à razão) ou seduzir (fazer sentir recorrendo à emoção), mas também por se tratar de uma reportagem do gênero jornalismo literário, Eliane Brum recorre a uma atitude de dramatização. Onde a maneira de contar e descrever fatos dos dramas da vida, são cheios de analogias, comparações, e também em valores afetivos, de modo a fazer o outro sentir certas emoções.

A própria Eliane Brum explica um pouco em como retratar essas mães era importante pra ela, na sua reflexão “Olhar para ver” ao final da reportagem, onde fala que essa história era importante olhar para ver a realidade invisível, onde “olhar pra ver é o ato cotidiano de resistência de cada repórter, de cada pessoa.” E explica que quando se trata das mães dos meninos do tráfico, normalmente há duas maneiras de não vê-las. O primeiro é quando achamos que não as conhecemos, quando na verdade são elas as mulheres invisíveis que trabalham na nossa casa, ou limpam nossas ruas, nossas empresas, fazem nossa comida, e são mal pagas por nós.

A outra maneira de não vê-las é o que vemos delas: “mães de bandido”. Como se defini-las como “mães de bandido” fosse capaz de dar conta do todo que elas são. Ao lançar esse não olhar sobre elas as colocamos bem longe de nós. Elas se transformam em um outro quase de uma espécie diferente. E por isso um outro que pode ser ignorado. O mais violento nesse olhar que não vê é que partimos essas mulheres em duas. De um lado, são aquelas que servem para cuidar de nossos filhos. De outro, são aquelas que fracassaram em cuidar dos delas. São autorizadas a cruzar a fronteira entre as pátrias para prestar serviços que os de cá não querem fazer. E, quando os mundos paralelos se cruzam na intersecção da violência, tudo isso é esquecido. Elas voltam a ser rostos borrados, tornam-se apenas “mães de bandidos”. E o mais brutal é que não as reconhecemos em nenhum dos dois lugares em que as colocamos. (...) A cada narrativa busquei contar não só das palavras, mas da forma de falar, dos gestos que desmentiam o que era dito, das repetições, das negações, dos silêncios. Como Eva da Brasilândia, que repetia três vezes o final de cada frase – e dizia que não sentia mais dor chorando. Eu queria dar ao leitor a oportunidade de ver pelos meus olhos os detalhes, as texturas, as ausências e os excessos de seu inferno pessoal – e também todas as nuances do que as fazia sobreviver. O desafio era mostrar uma imagem inteira dessas mulheres – ou pelo menos uma que não ocultasse nenhuma parte essencial. E assim aproximá-las do leitor, de modo que não pudessem mais ser ignoradas, que se tornasse inescapável reconhecê-las nas ruas, no trabalho, em casa (BRUM, 2008, p. 242).

Portanto, a repórter tinha como objetivo ao fazer essa reportagem dimensionar quem era essas mulheres para além de suas identidade sociais pré estabelecidas apenas como “mães de bandido”, mas vê-las de verdade.

6.3 A mulher que alimentava

A reportagem “Vida até o fim” encerra o livro reportagem “O olho da rua”, e traz a temática do fim da vida, através de pessoas com doenças terminais, quando só o que resta fazer são os cuidados paliativos. Na primeira parte da reportagem, com o subtítulo de “A enfermaria entre a vida e a morte”, Eliane Brum acompanha o dia a dia da Enfermaria de Cuidados Paliativos do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo, mostrando a importância da humanização na saúde, em garantir uma morte digna, sem dor e com sintomas controlados. A reportagem traz relatos de médicos, enfermeiros, pacientes e familiares de como a enfermaria impactou a vida de cada um.

A segunda parte recebe o subtítulo de “A mulher que alimentava”, onde Eliane Brum acompanha Ailce de Oliveira Souza em seus últimos 115 dias de vida. Ailce trabalhava como merendeira de escola, quando se aposentou e planejava viajar e ser livre, descobriu o câncer, palavra que ela não pronuncia com 66 anos de idade Ailce anda de ônibus pra todo lado, dança em bailes da terceira idade, e tem um romance com um homem mais jovem.

Eliane começa sua reportagem com um trecho da fala de Ailce, pois nessa história muito do que a personagem e como fala, diz muito sobre si.

“É tão estranho”, ela diz. “Eu passei a vida inteira batendo ponto, com horário pra tudo. Quando me aposentei, arranquei o relógio do pulso e joguei fora. Finalmente eu seria livre. Aí apareceu essa doença. Quando tive tempo, descobri que meu tempo tinha acabado.” (BRUM, 2008, p. 383).

No parágrafo seguinte a jornalista apresenta Ailce da seguinte maneira:

Ela está intrigada com essa traição da vida. Quando fala, sua expressão é de perplexidade. Ailce de Oliveira Souza não é uma filósofa, é uma merendeira de escola. Toda a sua vida havia sido de uma concretude às vezes brutal. Toda a sua vida havia sido uma sequência de atos. E agora a morte chegava exigindo metáforas. (BRUM, 2008, p.383).

Os dois trechos a seguir são importantes para entender a relação de Ailce com sua doença.

Ailce nunca deixou de se sentir traída por “essa doença”, como se expressa na maior parte das vezes, ou “o tumor”. Não pronuncia a palavra câncer. (BRUM, 2008, p. 384)

Se câncer é a palavra que ela não diz, liberdade é a palavra que repete. De novo a concretude da vida de Ailce. Ela está presa, literalmente. Sua vida depende de duas mangueiras fincadas dentro dela. Elas drenam a bile para fora do seu corpo. E deságuam em dois recipientes de plástico que ela carrega numa sacola de supermercado nas andanças pela casa, numa bolsa decorada com as princesas da Disney quando passeia. (BRUM, 2008, p.386)

Em alguns trechos é possível observar o paralelo que Eliane Brum faz entre a profissão de Ailce como merendeira, sua impossibilidade comer por causa da doença, e em como ela manteve a necessidade de alimentar e cuidar do próximo.

“Nunca cheguei atrasada, trabalhava doente porque sabia que elas precisavam de mim. Eram crianças muito carentes, sabe? Nossa, aquelas crianças comem com tanto gosto. Eu fazia sopa, fazia leite com cacau, fazia sagu. Era muito gostoso. Às vezes fazia seis caldeirões de quarenta litros. E elas comem tudo. Tudo, tudo. Na segunda-feira era um tal de criança desmaiar, passar mal. Porque ficavam sábado e domingo sem se alimentar. Na segunda chegavam pálidas, com os lábios brancos, sabe? Era assim. Elas tomavam aquilo com tanto gosto, coitadinhas. Eu acho que era só aquilo que tinham pra comer. Eu não podia fazer nada fora da escola, mas dentro elas comem à vontade.” (BRUM, 2008, p. 399).

E eu também preciso comer. Ela não permite que eu deixe a sua casa sem antes repetir o bolo, o pão de queijo, o biscoito. Criada no interior, esse é um ritual que compreendo. Só mais tarde percebo, que para Ailce, oferecer comida é a chave de uma vida. Ela tornou-se merendeira de escola depois de passar num concurso público com nota 9,5. Por 27 anos alimentou crianças pobres. Na segunda-feira pela manhã acolhia-os com uma caneca de leite para que tivessem forças de entrar na sala de aula. Era dela a missão de mantê-las vivas, era ela que operava o milagre de fazer crianças quase desmaiadas correr pelo pátio. (BRUM, 2008, p. 399).

A filha tenta lhe dar café com leite. Ela cerra o dentes. “Eu mesma tenho de tomar”. Derruba o café, mas é ela quem segura a xícara com as duas mãos. Pergunto a Ailce

por que é tão importante segurar aquela xícara. “Eu tenho de ser eu, entende?” Descubro ali que ela morrerá quando não puder mais segurar a xícara. Morrerá quando o último vestígio de autonomia escapar de suas mãos amarelas e se espatifar no chão. (BRUM, 2008, p. 402).

Os trechos a seguir são importantes para esse estudo, justamente por tratar dos traços de feminilidade. Em como Ailce resiste em manter costumes que a não descaracterizem de mulher.

Desde aqueles dias, ela jamais deixou de sair de casa bem vestida, de salto alto, batom na boca e um par de brincos nas orelhas. “Ailce vem à consulta muito bonita, cabelos pintados, brincos, salto alto, bem arrumada”, escreveu a médica Maria Goretti Maciel no prontuário (...). Mais de uma vez Ailce entrou no hospital com as pernas bambas, mas sobre saltos. “Eu sou muito chata”, ela diz, para explicar sua teoria de que uma mulher só pode aparecer em público impecável. Ailce vai morrer quando perder os saltos sobre os quais se equilibrou mesmo nos declives da vida. Talvez por isso, quando ainda não consegue pronunciar a palavra morte, ela usa a metáfora “cair”. “Eu não vou cair”, ela diz. “Eu não aceito cair.” (BRUM, 2008, p. 392).

Quando fica mais fraca, é o filho quem precisa lhe dar banho, Ailce fala: “Não fica com vergonha da mãe, meu filho. A mãe também deu muito banho em você.”.

Ao igualar-se a um corpo infantil para vencer a interdição entre mãe e filho, Ailce assinala a perda do feminino nela. “A doença me tirou tudo. Eu perdi peito, bunda, cintura, tudo”, diz. “Não sobrou nada.” Ailce e então se preocupa cada vez menos com a nudez de um corpo que a trai de todas as maneiras. E que parece pertencer somente à doença. (BRUM, 2008, p. 395).

Sabendo que a identidade social definida pelo contrato comunicacional da situação, ambas sabem que estão ali para contar sobre a morte e a doença, e os últimos dias de Ailce. A identidade pré-construída de Ailce é a de mulher que sofre, doente. Quanto à atitude discursiva, Ailce adota a atitude do discurso testemunhal, relatando o que viveu. Assim como adota a atitude de dramatização, ao relatar seus dramas vividos, com comparações, metáforas e compartilhando emoções, compreensível ao momento vivido.

Curiosamente, são as mesmas atitudes discursivas adotadas no texto de Eliane Brum ao falar de Ailce. Sendo a questão identitária um entrecruzamento de olhares, observa-se neste caso, um respeito pelo modo como a própria Ailce se via e falava de si. Em um trecho em que fala sobre o processo da reportagem Brum (2008) fala sobre essas possíveis interferências:

Dediquei um cuidado obsessivo a evitar interferir na sua vivência do morrer. Eu quase não fazia perguntas, optei por apenas pontuar suas respostas, numa escuta delicada e muito, muito atenta. Por um lado, minhas perguntas, se incisivas, contaminariam suas respostas: ela poderia usar minhas palavras em vez das dela para se referir a esse momento-limite da vida. Por outro, eu correria o risco de atropelar seus sentimentos se abordasse questões para as quais ela ainda não estava preparada. No primeiro caso, essa interferência impossibilitaria uma reportagem

honestas; no segundo, machucaria Ailce. Um exemplo: ela jamais usou a palavra “câncer”, eu nunca pronunciei a palavra “câncer”. Se eu falasse em “câncer”, não poderia saber que Ailce não usava essa palavra e, assim, não compreenderia algo crucial da forma como ela lidava com a doença que a mataria. Nunca falei sobre “morte” antes dela. Se já sáísse perguntando, afobadamente, e não saberia quanto tempo Ailce precisou para articular a palavra “morte”. Nem todas as implicações desse silêncio ruidoso. Não saberia também que ela só falava sobre a vida. (BRUM, 2008, p. 419).

Portanto, neste caso é notável como o discurso de Ailce resolve subverter a identidade social imposta neste contrato comunicacional e não usa a máscara de mulher doente e que sofre. Por isso evita-se falar a palavra câncer e a palavra morte, quase como uma negação. Mas seu discurso busca reafirmar a identidade de uma mulher que está sempre cuidando de alguém, como alimentava as crianças, agora quer se certificar que Eliane Brum tenha comido. E busca manter em seu discurso, a identidade de uma mulher que não perde a vontade de viver e a necessidade de se sentir feminina.

6.4. O “eu” na reportagem

Em algumas reportagens durante o livro *O olho da Rua*, é possível observar como Eliane Brum se coloca na narrativa como forma de mostrar uma realidade, embora nos manuais de jornalismo se diga que o jornalismo precisa manter-se afastado do fato e buscar objetividade e isenção, em alguns momentos essa presença do “eu” se faz necessário, afinal em muitos casos, a repórter convive por dias com seus personagens, acompanha suas rotinas, dorme em suas casas, e nada como sua perspectiva para dar uma dimensão da experiência ao leitor. A própria repórter, discorre sobre esses momentos quando ela precisa se tornar a personagem principal de uma reportagem.

Não tenho paciência para jornalista autorreferente – nem vejo razão para alguém dizer que tomou um café com fulano, se esta for toda a informação. Acredito que o repórter tem licença para entrar na história se sua participação puder revelar mais do outro – e não de si mesmo. (BRUM, 2008, p. 349).

No livro usado para a análise, dois momentos assim podem ser notados com mais nitidez, o primeiro é quando a repórter se torna personagem, na reportagem “O inimigo sou”, quando participa de um retiro vipassana, e resolve contar a experiência através de sua vivência e não a experiências de outros, e quando Brum acompanha a personagem Ailce em seus últimos 115 dias de vida.

Sendo Eliane Brum uma jornalista mulher, e ao logo de suas reportagens ter narrado vida de mulheres diversas, com olhar humano e de empatia, e em tantos momentos

colocando-se em seus textos, é pertinente para este estudo a análise de sua identidade apresentada nesses momentos.

Nunca me vi na posição de um deus que observa uma realidade de fora, imune a suas implicações. Conheço bem as fraquezas da minha humanidade e me vejo como produto cultural de uma época histórica determinada, muito menos livre do que desejaria. Em meus textos, procuro deixar muito claro ao leitor qual é o meu lugar e onde minha interferência foi decisiva. (BRUM, 2008, p. 419).

Eliane Brum fala um pouco sobre sua relação com Ailce, durante os 115 dias que a acompanhou. Eliane conta que conversavam todos os dias por telefone muito sobre a vida, e que a visitava em sua casa uma vez por semana, o que possibilitou uma aproximação para além da relação repórter x entrevistada.

Que lugar era esse, o meu e o dela? Não sei. Acho que, ao longo dessa relação insólita, cada uma de nós deu diferentes sentidos ao nosso pacto. Lá pelo meio, descobrimos que o único sentimento que tornava aquela relação possível era o afeto. Era preciso que eu tivesse a coragem de me abrir para a possibilidade de amar alguém que perderia muito em breve. Devagar, enquanto a escutava, eu comecei a amá-la. Com o tempo, ela começou a me chamar de filha. E nos últimos dias, horas, de sua vida, eu ajudava a dar banho no seu corpo já tão castigado, pingava gotas de água em sua boca ressecada com uma gaze molhada. (BRUM, 2008, p. 414).

Em um momento da reportagem se coloca, para demonstrar o que via e buscava entender sobre a relação de Ailce e seus filhos:

Do meu lugar às vezes incomodo de observadora de um quadro familiar, ora na cena, ora fora dela, me pergunto se esses filhos, cada um ao seu modo, compreendem o tamanho que dão à mãe. Eles não são irreconciliáveis, como às vezes acreditam, mas complementares. Ailce precisa do que cada um deles pode dar, até o fim. (BRUM, 2008, p. 397).

E analisa suas possíveis intervenções na reportagem:

Nesta reportagem, essas eram as intervenções que, se consumadas, condenariam a narrativa da vida de Ailce. Mas pingar gotas de água em sua boca quando ela já não tinha forças para segurar o copo, ou ajudar a lhe dar banho quando não havia ninguém mais que o fizesse, não. Pelo contrário. Estas nem sequer dizem respeito ao jornalismo. Só à humanidade. (BRUM, 2008 p. 420).

Neste primeiro caso, a identidade social estabelecida para Eliane Brum, é a de jornalista, que deveria buscar imparcialidade e afastamento em relação a sua fonte. Mas seu discurso adota a atitude testemunhal e de dramatização, quando se coloca como a narradora dos últimos dias de Ailce. Sua identidade discursiva se desloca da identidade de repórter, e assume o caráter humano, de quem construiu afeto com sua personagem.

Já na reportagem “O inimigo sou eu”, Brum assume o papel de personagem principal, e encara os desafios do retiro e o de falar de si mesma de se despir das mascaras,

Permanecer em silêncio por dez dias era, para mim, a parte mais confortável do roteiro. Eu olho muito mais do que falo. Quando sou obrigada a falar muito, sinto dor na garganta. Fujo de gente que engole pausas. Acho que há excesso de palavras faladas no mundo porque as pessoas temem se ouvir, caso silenciem. Minha teoria pessoal é que falam por medo do que o silêncio pode revelar sobre elas. Ou falam para encobrir o fato de que não têm nada a dizer. (BRUM, 2008, p. 313).

Em minha primeira hora, além de detectar as sensações do corpo, senti os grandes tormentos que me acompanham vida afora: o temor de não conseguir fazer alguma coisa (naquele momento, sentir as sensações), claustrofobia (no meu caso, pânico de ficar presa na escuridão do meu corpo), medo de morrer (tive taquicardia e pensei que meu coração cessaria de bater). Isso tudo passou pela minha cabeça em menos de cinco minutos, nessa ordem. (BRUM, 2008, p. 324).

De forma honesta e humana expõe os momentos de vulnerabilidade que vivenciou:

Eu achava que já sabia tudo, mas na verdade tinha cometido um erro primário: me apegara a uma sensação prazerosa e acreditava poder controlar a realidade para repeti-la. Cobiça. O sino tocou e, pela primeira vez, levantei animada. Era o sexto dia. Na primeira hora sem me mover, comecei a ter uma dor forte nas costas, logo abaixo do ombro direito. Primeiro, pensei que havia dado um mau jeito ao me alongar, quando acordei. Ao final da manhã, a dor aumentava sempre que eu sentava e desaparecia depois de alguns minutos deitada. Nessa altura, eu já tinha perdido alguns pudores e me atirava no chão fora da sala de meditação sempre que havia um intervalo. (BRUM, 2008, p. 329).

Disse um palavrão em perfeito silêncio. E chorei pela primeira vez. Percebi como eu havia sido prepotente ao imaginar que havia atingido uma espécie de iluminação e por me achar tão importante por causa disso. É difícil explicar, mas chorei por ter me percebido demasiado humana. (BRUM, 2008, p. 330).

No oitavo dia, na minha vez de fazer perguntas ao professor, ele disse: “Aceita quem você é”. Fui chorar no meio do mato. Era difícil olhar para mim mesma sem nenhuma máscara, olhar para a minha onipotência sem nenhuma máscara [...] Eu estava havia oito dias isolada dentro de mim, nos últimos três sentira dores terríveis, tinha perdido três quilos e estava encarando todos os meus demônios no olho. Era uma situação-limite. (BRUM, 2008, p. 333).

Além das dificuldades internas e físicas do retiro, Eliane Brum mostra um traço de percepção de identidade, ao confrontar com a diferença do outro, tem a perspectiva de si.

Além de me incomodar estar no meio de um fogo cruzado não tão silencioso, eu achava inaceitável alguém desprezar as regras do lugar onde era hóspede. De novo eu tinha duas opções: falar com o professor ou vencer minha aversão. Chorei de novo ao apalpar o tamanho da minha intolerância. (BRUM, 2008, p. 336).

Após dias no retiro, a jornalista volta a sua vida cotidiana, e precisa encarar o desafio de escrever sua reportagem sendo fiel a sua experiência.

Antes de partir para o retiro, eu passava mal ao apalpar o narcisismo dessa reportagem não só na primeira pessoa, mas inteiramente sobre mim. Quando voltei e comecei a escrever, pensava: mas por que alguém vai querer saber o que eu pensei, senti, divaguei, sofri, sonhei, descobri? Quem sou para ser a primeira pessoa de uma reportagem? (BRUM, 2008, p. 348).

No caso da reportagem do retiro vipássana, acho que era só eu mesma. A alternativa seria contar sobre a experiência pessoal de outros, mas acredito que neste caso, muito particular, a maneira de informar melhor o leitor era a partir da minha própria experiência. Ao escolher a primeira pessoa para narrar a história confrontei-me com um desafio novo: era necessário ter a coragem de me expor também naquilo que era desabonado para mim, naquilo que eu teria preferido não mostrar. Se eu havia aceitado escrever sobre uma experiência pessoal, então teria de aceitar o ônus de contar também o meu outro lado. E teria de buscar o que havia de universal nessa experiência individual. (BRUM, 2008, p. 349).

Aos poucos, comecei a escrever. Quando cheguei a 12 mil caracteres, li e apaguei tudo. Deletei. Eu não estava sendo suficientemente sincera. Precisava ter a coragem de expor minha nudez interior sem retoques de Photoshop. E então comecei este texto. Em vinte anos de jornalismo, é meu texto mais pessoal. Não havia outra maneira de contar essa experiência que não fosse na primeira pessoa, me expondo como nunca antes. Isso também é um pouco assustador. Mas hoje eu me assusto menos. (BRUM, 2008, p. 340).

Diante desses trechos, assim como na reportagem “A mulher que alimentava”, Eliane Brum joga com suas máscaras identitárias. Ou seja, hora, seu discurso reativa sua identidade social de repórter, estabelecido pelo contrato comunicacional e situacional, narrando os fatos e vivências de maneira mais objetiva, contextualizando sobre o retiro. Ora, assume uma identidade discursiva mais pessoal, exibindo a nudez interior da Eliane como indivíduo. Afirmando assim “Agora, muitos meses e reflexões depois, acho que o “eu” tem sua hora e seu lugar.” (BRUM, 2008, p. 248).

7. Considerações Finais

Seja no jornalismo ou na literatura, algumas vezes a forma como se conta uma história é tão ou mais importante que a história em si. Portanto o jornalista deve sempre estar em busca de aprimorar seu texto, como irá apresentar seus personagens, suas características, contextualizar seu leitor, tendo uma preocupação estética. Tratando-se de jornalismo, um modo de se fazer isso é através do jornalismo literário, que perpassa pela humanização do relato.

Eliane Brum é um nome de destaque nacional no que diz respeito ao jornalismo literário e relato humanizado. Seus textos, assim como suas produções audiovisuais trazem uma preocupação estética na narrativa, assim como uma abordagem sensível com a vida e a realidade de seus personagens. Ao longo de sua carreira Eliane conquistou reconhecimento como repórter comprometida socialmente e é referencia nesse âmbito. Não atoa, hoje em dia,

depois de passar por inúmeros jornais e de livros publicados, atua como freelancer e se dedica a projetos de longo prazo com populações tradicionais da Amazônia e das periferias da Grande São Paulo.

É possível perceber na obra da jornalista, assim como neste livro, um caráter sociológico para além do jornalístico, pois a autora consegue conhecer a realidade de suas fontes, mergulha sem reservas, vivendo a vida das pessoas, e dos grupos sociais sobre os quais escreve. Segue suas rotinas, passa por suas experiências do dia a dia. Buscando entender seus padrões, valores, comportamentos, procurando enxergar com o olhar dessas pessoas, aproximando-se o máximo possível da compreensão. Assim, surge em *O Olho da Rua* uma janela de mulheres, únicas em suas vivências, ao mesmo tempo, representativas de tantas outras pelo Brasil que podem se enxergar ali, e compreender realidades diferentes da sua.

Ao observar o jornalismo como um formador de opiniões, capaz de influenciar visões de mundo, representações, debate público, buscar entender de que forma o jornalista pode contribuir para um mundo mais igualitário se faz necessário. Assim a produção de um jornalismo mais igualitário onde se possam observar o debate e as questões de gênero, raça, etnia de forma honesta é fundamental. O jornalismo convencional vem perpetuando estereótipos de todos os tipos, e invisibilizando minorias históricas, assim, é urgente trazer a discussão de produções que se preocupam com suas fontes, e buscam trazer uma pluralidade de vozes, incluindo os que outrora foram discriminadas.

Portanto, como jornalista mulher, se faz necessário olhar para outras jornalistas mulheres, e como elas estão narrando as histórias de mulheres, outrora colocadas apenas em lugares de violência e preconceito. É essencial que se busque um jornalismo que aborde as questões de gênero, etnia, raça e sexualidade. Buscando formas que humanize as mulheres negligenciadas e pertencentes a outras minorias, exercitando um olhar de empatia e que não reproduza um discurso que irá corroborar com o imaginário e crenças de violências, de mulheres sujeitas aos homens, etc. Assim, como também se faz necessário que essas mulheres invisibilizadas ocupem lugar de “poder” ao se tornarem donas de sua própria história e produtoras de saberes.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTHI, Angélica. **Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia**. Brasília: ONU Mulheres; Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ); Programa Interagencial de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia (Fundo de Alcance dos Objetivos do Milênio, F-ODM), 2011.

BORTOLI, S. “**Jorge Kanehide Ijuim**”: Sobre o jornalismo humanizado. Revista Alterjor, v. 13, n. 1, p. 5-13, 2 maio 2016.

BRUM, Eliane. **A menina quebrada**. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2013.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional**, In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) O trabalho da tradução. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326., 2009. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>>. Acesso em 11 de maio de 2019.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas**. Revista Comunicação Midiática, v.7, n.2, p.117-137, maio/ago. 2012.

LIMA, Edvaldo Pereira. **New journalism**: a reportagem como criação literária. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o dialogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo**: comunicação, literatura e compromisso social. São Paulo: Paulus, 2005.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente tenho que agradecer as duas **Elianes** que foram fundamentais na minha caminhada e que me despertaram o interesse pelo jornalismo. A minha mãe **Eliane Barbosa**, agradeço por todo amor, apoio e dedicação, por me despertar o gosto pela leitura, e por ter me apontado o jornalismo como uma possibilidade. E a **Eliane Brum**, que com a sensibilidade de seu livro *A vida que ninguém vê*, me encantou e iluminou os caminhos, servindo de inspiração durante todo o curso. E agora, como objeto desse estudo.

À professora **Ada Kesea Guedes Bezerra** por toda a inspiração, desde o primeiro período do curso, pela orientação, dedicação, disposição, respeito, e principalmente pela parceria em ter aceitado se aventurar comigo nessa busca por respostas.

Ao meu pai **José Galdino**, por todo o apoio e dedicação para que eu conseguisse concluir meus estudos, pela força, incentivo e confiança.

A minha irmã **Letícia Galdino** por me trazer toda a alegria que seu nome carrega, por sua cumplicidade e amor sem limites.

A minha avó **Josefa Barbosa**, com seu jeito único me amparar nos momentos de dificuldade.

Aos amigos, **Matheus** e **Pedro** pelos momentos de alegria e desespero compartilhados, por me incentivarem sempre, e por serem meu suporte durante tantos anos.

Às minhas queridas amigas, **Adriana**, **Bianca**, **Naiara** e **Renally** pelos anos de amizade construídos durante o curso, pelo apoio e companheirismo nesta caminhada.

Aos amigos de estágio e para a vida, **Lizandra**, **Gustavo** e **Paulo** pelos momentos de amizade e por terem marcado um momento tão especial da minha trajetória.

Aos professores do Curso, em especial, **Agda Aquino**, **Rodirgo Apolinário**, **Bruno Gaudêncio**, **Maria Zita**, **Ingrid Fachine**, **Luís Adriano**, que contribuíram ao longo dos semestres, por meio das disciplinas e debates, para nosso aprendizado.

Às professora **Robéria Nádia** e **Verônica Almeida** por terem aceitado fazer parte da banca, contribuindo com esta pesquisa e minha caminhada acadêmica, e ainda mais por todas as aulas, dedicação e ensinamentos durante os anos de curso, e por muitas vezes servirem de inspiração e motivação. A vocês minha gratidão.